

**OLHE SO' MAIS UM BOCADINHO PARA A ESQUERDA... FICA MELHOR NO RETRATO CA' DO ZÉ!**



# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Eu gostava de saber para onde é que foi o dinheiro todo que havia no mundo. Toda a gente se queixa e agora é na Inglaterra que o sr. Wilson diz que as coisas vão um bocadinho difíceis, e que para já têm que ser travados os altos rendimentos. Mas acrescentou que a coisa não era tão grave como certos círculos pretendiam com boatos alarmistas: bastava que toda a gente fizesse umas economizantes, que não se fizessem grandes importações, e pouco mais.

Aquilo que o preocupava mais eram as tendências oposicionistas de alguns membros do seu gabinete e mestre Wilson disse que não ia nisso. Não é que ele seja autoritário: mas lá o ninho atrás da orelha é que ninguém lhe faz. E o sr. Wilson até fez um ultimatum: Vai fazer um referendo em 5 de Junho, e no dia 6 quem não estiver de acordo com a política do seu gabinete pode por um anúncio no Times a pedir outro emprego...

E parece que com a chegada do verão, recomeçam com mais intensidade as viagens político-turísticas dos grandes senhores da política mundial. Para já é o vice-primeiro ministro chinês Teng Hsiao-Ping que vai a França. A viagem deste senhor é tão importante para a França, que o presidente Giscard mandou que lhe fizessem todas as honras reservadas a monarcas e chefes de estado.

O sr. Teng vai ficar alojado na residência Marigny, junto ao palácio do Eliseu, e depois visitará a província com honras suptuosas. Os farejadores políticos acham muito curiosa esta visita de Teng a França, logo a seguir à queda do Vietnam e do Camboja. E até segundo um funcionário francês mais falador, parece que se pensa em França que a China deseja um Mercado Comum Europeu forte e uni-

do e independente dos Estados Unidos e da União Soviética.

Será verdade?

Outro que vai viajar: o primeiro ministro soviético Kosygin partiu de Moscovo para a Líbia, em satisfação dum convite que lhe tinha sido feito pelo Comando Revolucionário Líbio. E como já tem as malas feitas aproveitava

para ir também dar um saltinho à Tunísia, porque sempre fica em caminho e também pode combinar lá qualquer coisa interessante. E talvez que no regresso ainda faça mais um desvio turístico, lá para o Médio Oriente...

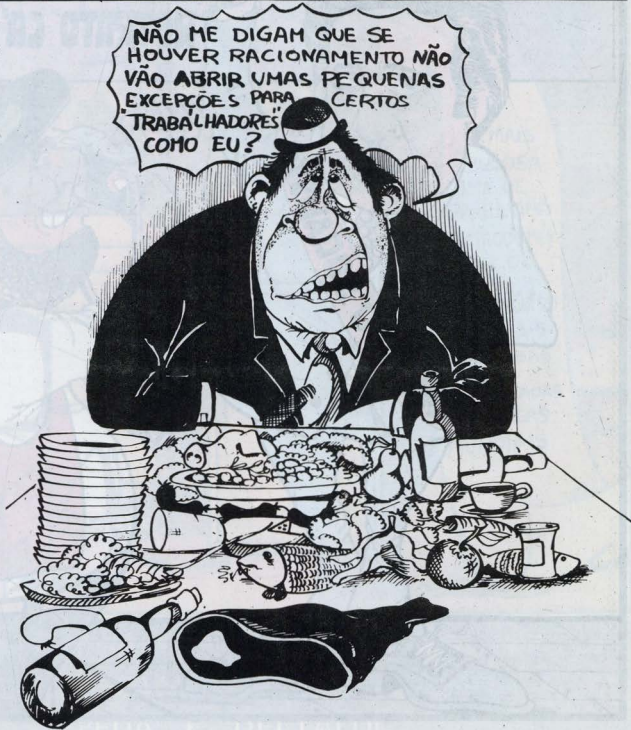
Viena — a das valsas — vai também ser ponto de reunião de vários viajantes: neste caso os membros das delegações

dos partidos comunistas da Jugoslávia, Roménia, Itália, Espanha, França, Alemanha democrática, União Soviética e Dinamarca.

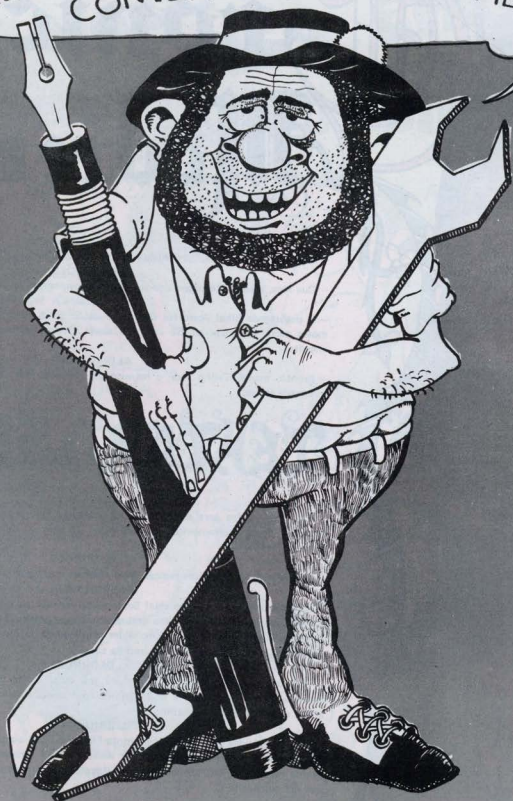
Claro que o sr. Kissinger não fica a roer as unhas perante tantas viagens. Ele diz que ainda não desistiu. E para não deixar os seus créditos por mãos alheias no capítulo de viagens, vai sair de Washington no domingo, e durante uma semana visitará

Viena (não vai com certeza ao congresso dos partidos comunistas) a Bona, a Berlim Ocidental e Angora. Talvez lá arranjar um gatinho para se entreter na velhice. Depois vai encontrar-se em Bruxelas com o patrão Ford que vai lá à cimeira da Nato, e segue com ele para Madrid, Salzburgo e Roma.

Quem foi que disse que ele tinha deixado de viajar? Al-dra-bê-s!



ESTAS DUAS FERRAMENTAS SÃO ÚTEIS...  
MAS O PAGODE SEMPRE DISSE QUE É  
PRECISO MAIS **TRABALHO** E MENOS  
CONVERSA!...



**BATALHA DA PRODUÇÃO**



# Grônicas Medievais

D. BRIOLANJA

— Minha estremosa filha, aprocegaide-vos que temos que falar!

ALDEGUNDES

— Que séca, mamã! Desengomaide-vos com a conversa que prestes tenho que sair!

D. BRIOLANJA

— Ó desbragada filha! Acaso foi essa a indução que haveides arrecebido de vossos estremosos pais? Que maneiras são essas de falares à vossa estremosa mãe? Acaso não tendes respeito?

ALDEGUNDES

— Pronto, mamã. Tenho todo o respeito que desejeis. Mas dizeide o que tendes a dizer que tarde se faz. . .

## TENTAR A SORTE

D. BRIOLANJA

— Mas tarde se faz para quê? Acaso não sabeides que prestes será noite e as donzelas recatadas devem conservar-se em suas casas durante as horas mortas? Por certo não pensaisdes sair agora?

ALDEGUNDES

— Deixaide-vos de moralices sédiças. Bem sabeides que idade já tenho para andar só. . .

D. BRIOLANJA

— Pois isso mesmo é que me rala! Sempre vos vejo sair só, e regressar ainda mais só! E se é certo que me amofina o vosso desbragamento de andardes sempre nas nocturnas farras, ainda mais me rala que não encontreides gentil mancebo ou galante gentilhomem que ao menos vos desse algum para o governo da casa. . .

ALDEGUNDES

— Ora, ora, mamã! Dessas ilusões já eu me curei. Esses tempos de ilusões já tinham acabado há muito quando a nossa família foi mandada para este negregado exílio pelos infieis que depuzeram o paizinho. . .

D. BRIOLANJA

— Não me faleides disso, minha estremosa filha! Às vezes ainda me sinto tentada a alimentar algumas esperanças de regresso ao nosso glorioso passado. E fico assim a olhar no guarda vestidos aqueles chapelinhos tão elegantes que eu costumava levar às recepções para que era convidada. . .

cont. na pág. 11

ORA CONTE-NOS...

# VOCÊ SEU CRAQUE PENSA EMIGRAR PARA O ESTRANGEIRO



VEETA  
DE UM DOS  
GRANDES

EU POR ENQUANTO FICO...  
O MEU AMOR À CAMISOLA...  
NÃO FICO POR CAUSA  
DOS 50 CONTOS  
POR MÊS!...



"ARREENTADO" BRAZUCA

EU? MAS ONDE É QUE  
UM GAJO VELHO E COMO  
PODE JOGAR NA  
1ª DIVISÃO E  
GANHAR UM BALÚRDIO



EX-JOGADOR  
DA LEGIÃO

JÁ RECEBI  
PROPOSTAS PARA  
INGRESSAR NA  
EQUIPA DO E.L.P.  
MAS PARECE-ME  
QUE NÃO SE  
GANHA LA' NADA!...



JOGADOR  
REVOLUCIONÁRIO  
Rio

EU FICO!...  
QUANDO NÃO HOVER  
BOLAS JOU PONTAPÉS  
NO CU DA REACÇÃO



NÃO DEIXARAM  
SEGUIR A BAGAGEM  
DO "ILUSTRE DIRIGENTE"  
BEH, ME LIXARAM...  
EU QUE JÁ ESTAVA  
CERTO NA EQUIPA "DILA

CRAQUE DO  
FUTEBOL CORPORATIVO PORTUGUÊS

# A VIDA SECRETA DOS ANIMAIS



A quase totalidade dos visitantes dos Jardins Zoológicos limitam-se a olhar os animais sem tentarem penetrar na sua vida íntima, nas suas aspirações, vontades e saudades instintivas do seu antigo mundo. O Prof. Horácio Blackbird, após estudos exaustivos e trabalhos de inestimável valor científico entre os quais se destaca a invenção do fonógrafo "ad hoc" que permite gravar e entender a voz dos animais, publicou agora um livro que lhe valeu um Prémio da Sociedade Protectora Internacional bem como um colete de forças no melhor hospital psiquiátrico de Londres. Génio incompreendido e apenas ajudado pela sua desvelada secretária Miss Turner que foi amamentada por uma cabra e fez interessantes incursões no mundo dos cabritos. O Prof. Blackbird percorreu demoradamente todos os Jardins Zoológicos dos cinco continentes, conversando com os animais ali reclusos.

É comovente o capítulo consagrado às hienas que lhe declararam sentirem-se muito incomodadas com o mau cheiro das pessoas e com a aversão ou apressado interesse que lhes dedicam. "A beleza não se põe sobre a mesa", sentenciou uma ofendida hiena do Zoo de Amsterdão. Outra hiena, em Lisboa, contou-lhe que o poeta Afonso Lopes Vieira pensara nelas e não nos bois ao escrever que estes "eram leões com alma de passarinhos". Segundo o Prof. Blackbird, 90 por cento das hienas sofrem de complexos de inferioridade e de mania da perseguição. Os restantes 10 por cento destes animais têm uma vida normal. É de destacar o caso de uma hiena que se pretende apresentar no Festival da Canção, embora saiba antecipadamente que, para ganhá-lo, devia fazer parte do Zoo do Luxemburgo. Quanto ao facto de se alimentarem de carne podre e apenas terem relações sexuais uma vez por ano, as hienas — mesmo as psicopatas — foram unânimes em afirmar que as pessoas também comem muitas porcarias sem dar por isso e que repudiavam, por maioria

absoluta, indignada, veemente e virtuosa, a projecção do filme "Vocês interessam-se pela coisa?"

Os leões perguntaram de chofre ao Prof. Blackbird: — Que mal fizémos nós para nos enjaularem? Acaso somos acusados de sabotagem económica? Acaso lançámos a bomba de Hiroshima? Acaso somos responsáveis pelos discursos do senhor Almirante Tomás? — Acrescentaram igualmente que se desligavam, em bloco, de qualquer relação com o Partido Popular Monárquico, visto que há muito tinham deixado de ser os Reis dos Animais. O cientista inglês observou também que 60 por cento dos leões mostravam grande interesse em fazer vida de animais domésticos, integrados em famílias idóneas onde pelo menos dois membros tivessem mais de sete arrobas. Todos os leões declararam apreciar muito o poeta José Carlos Ary dos Santos de quem não conhecem os versos mas os quilogramas.

Nos parques Zoológicos onde entrevistou mais de dez mil animais, incluindo avestruzes e carochas, o Prof. Blackbird salienta o acolhimento festivo que sempre lhe dispensaram os macacos. "Sempre gostámos de trabalhar com cientistas", alegaram. Muitos deles queixaram-se das grandes ingratições de que têm sido alvos, tanto pelo facto de lhes atirarem tremoços em vez de amendoins como pela inexistência escandalosa de uma estátua ao Macaco Astronauta. "O homem está a evoluir para macaco", pontificou um orangotango velho que lhe asseverou ter conhecido pessoalmente Darwin, Napoleão III, Toulouse-Lautrec, Mae West, os irmãos Goncourt e a cantora A Severa. Uma macaca arrepanhou os dentes a Miss Turner, pedindo-lhe depois desculpa e explicando que a confundira com uma cronista social. "Damos muito "parties", adoramos passagens de modelos, perdemos a cabeça por bisbilhotices — confessou a dita macaca — mas detestamos publicidade nos jornais".

cont. na pág. seguinte

## CRÔNICAS DA CONTRA-PEÇONHA





## BOCAGE

Começou no passado número a publicação em "OS RIDÍCULOS" da "POESIA ERÓTICA, SATÍRICA e BURLESCA" de BOCAGE.

A par do estrondoso coro de aprovações com que a nossa iniciativa foi coroada, por trazer ao conhecimento do povo português uma das mais discutidas facetas literárias desse extraordinário génio que foi MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE, recebemos também alguns protestos inflamados de pretensos puritanos que se insurgiram contra o desbragamento de linguagem que aparece na "RIBEIRADA".

A estes, julgamos nenhuma resposta ter a dar, a não ser a estranheza de, por comparação com a espantosa e profundamente escabrosa proliferação de, por exemplo, filmes pornográficos que são livremente exibidos hoje, acharem merecedora de condenação a publicação em letra de forma, pela primeira vez fora de edições particulares duma obra literária e todavia os títulos notáveis.

Assim, continuaremos a publicação, nesta ANTOLOGIA, dessas páginas vibrantes e profundamente humanas da "POESIA ERÓTICA, SATÍRICA e BURLESCA" de BOCAGE, durante tantos anos sonhados ao público em nome duma falsa moralidade e duma hipocrisia que hoje é justamente repudiada.

# A um tabelião velho que casou com moça nova

I  
UM TABELIÃO CADUCO  
COM MULHER MOÇA CASADO,  
VAI PORTAR NO SEU ESTADO  
POR FÉ O SINAL DE CUÇO:  
COMO JÁ NÃO DEITA SUÇO  
POR MAIS QUE PUXE OS ATILHOS,  
NÃO LHE HÃO-DE FALTAR CASQUILHOS  
PARA A MOÇA AMANTES NOVOS,  
QUE LHE VÃO GALANDO OS OVOS,  
ELE CÁ CRIANDO OS FILHOS.

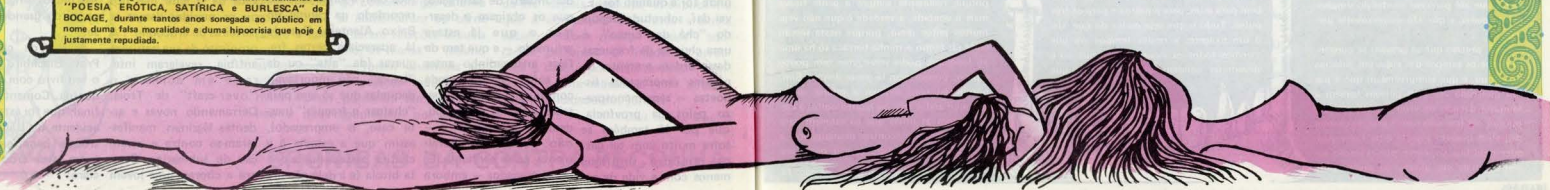
II  
ELE DIZ QUE ASSIM O QUER;  
MAS DE RAIVA DARÁ PULOS,  
VENDO QUE SÃO ACTOS NULOS  
OS ACTOS QUE ELE FIZER:  
SEM TER DIREITO À MULHER  
QUE SERÁ DESTE DEMÔNIO?  
LOGO ENTÃO QUALQUER BELÔNIO  
LHE DESMANCHA O CASAMENTO,  
PORQUE NÃO TEM INSTRUMENTO  
COM QUE PROVE O MATRIMÔNIO.

III  
TENHA EMBORA MUITA RENDA,  
SEJA LAVRADOR MORGADO,  
MAS PARA HOMEM CASADO,  
SEMPRE TEM POUCA FAZENDA.  
É PROVÁVEL SE ARREPENDA  
A POBRE DA RAPARIGA,  
QUE SE AGATANHE E MALDIGA,  
QUANTO NA NOITE DA BODA  
CORRER A CEARA TODA,  
E NÃO ENCONTRAR A ESPIGA.

IV  
INDA QUE NÃO TOME A MONA  
POR TER FIBRA JÁ CANSADA,  
MAL PODE ASSISTIR À ENTRADA  
DE CARLOS EM BARCELONA  
QUE O LEVE AO PORTO DE ANCONA  
NÃO TERÁ VENTO PONTEIRO;  
E ANDANDO SEMPRE EM CRUZEIRO  
QUE FARÁ ESTE HOMEM RARO?  
SER COMO OS CAÉS QUE, TÊM FARO;  
CONHECÉ-LO PELO CHEIRO.

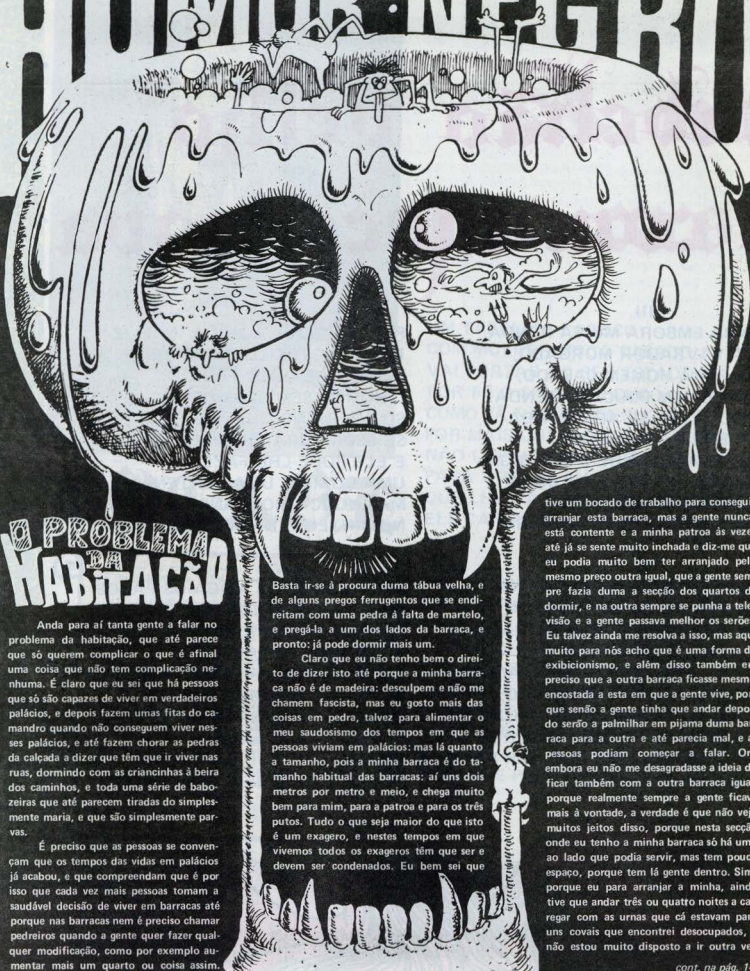
V  
POR MAIS QUE A MOÇA INFELIZ  
FAÇA PROTESTOS DE AMOR,  
SEMPRE SE QUER FIADOR  
D'HOMEM SEM BENS DE RAIZ.  
SÓ CRERÁ NO QUE ELE DIZ,  
SE ESCRITURA LHE FIZER;  
E ELE PODE-LHE FAZER  
UMA DÚZIA E UMA CENTENA,  
MAS NUNCA MOLHANDO A PENA  
NO TINTEIRO DA MULHER.

VI  
SÃO TRISTES DA MOÇA OS FADOS,  
POIS LHE NÃO CONSENTEM QUE ELA  
AVANCE PELA ARREITELA  
TÉ PICA DE REGALADOS;  
LOGO ENTRE ESTES DOIS CASADOS  
SE TRAVA RENHIDO PLEITO,  
MAS SE POR AGRAVO O FEITO  
ELE LEVA A RELAÇÃO,  
LÁ NINGUÉM LHE DÁ RAZÃO,  
SEM QUE MOSTRE O SEU DIREITO.





# HUMOR: NEGRO



## O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Anda para aí tanta gente a falar no problema da habitação, que até parece que só querem complicar o que é afinal uma coisa que não tem complicação nenhuma. É claro que eu sei que há pessoas que só são capazes de viver em verdadeiros palácios, e depois fazem umas fitas do comando quando não conseguem viver nesses palácios, e até fazem chorar as pedras da calçada a dizer que têm que ir viver nas ruas, dormindo com as criancinhas à beira dos caminhos, e toda uma série de bobozeiras que até parecem tiradas do simplesmente maria, e que são simplesmente parvas.

É preciso que as pessoas se convençam que os tempos das vidas em palácios já acabou, e que compreendam que é por isso que cada vez mais pessoas tomam a saudável decisão de viver em barracas até porque nas barracas nem é preciso chamar pedreiros quando a gente quer fazer qualquer modificação, como por exemplo aumentar mais um quarto ou coisa assim.

Basta ir-se à procura duma tábuia velha, e de alguns pregos ferrugentos que se endireitam com uma pedra à falta de martelo, e pregá-la a um dos lados da barraca, e pronto: já pode dormir mais um.

Claro que eu não tenho bem o direito de dizer isto até porque a minha barraca não é de madeira: desculpem e não me chamem fascista, mas eu gosto mais das coisas em pedra, talvez para alimentar o meu saudosismo dos tempos em que as pessoas viviam em palácios: mas lá quanto a tamanho, pois a minha barraca é do tamanho habitual das barracas: af uns dois metros por metro e meio, e chega muito bem para mim, para a patroa e para os três putos. Tudo o que seja maior do que isto é um exagero, e nestes tempos em que vivemos todos os exageros têm que ser e devem ser condenados. Eu bem sei que

tive um bocadinho de trabalho para conseguir arranjar esta barraca, mas a gente nunca está contente e a minha patroa às vezes até já se sente muito inchada e diz-me que eu podia muito bem ter arranjado pelo mesmo preço outra igual, que a gente sempre fazia duma a secção dos quartos de dormir, e na outra sempre se punha a televisão e a gente passava melhor os serões. Eu talvez ainda me resolvesse a isso, mas aqui muito para nós acho que é uma forma de exibicionismo, e além disso também era preciso que a outra barraca ficasse mesmo encostada a esta em que a gente vive, porque senão a gente tinha que andar depois do serão a palmilhar em pijama duma barraca para a outra e até parecia mal, e as pessoas podiam começar a falar. Ora embora eu não me desagradasse a ideia de ficar também com a outra barraca igual, porque realmente sempre a gente ficava mais à vontade, a verdade é que não vejo muitos jeitos disso, porque nesta secção onde eu tenho a minha barraca só há uma ao lado que podia servir, mas tem pouco espaço, porque tem lá gente dentro. Sim, porque eu para arranjar a minha, ainda tive que andar três ou quatro noites a carregar com as urnas que cá estavam para uns covais que encontrei desocupados, e não estou muito disposto a ir outra vez



# PENSAR A SORTE

cont. da pág. 4

ALDEGUDES

— Se calhar foi por causa desses chapelinhos que os infieis correram com a nossa família. . .

D. BRIOLANJA

— Não digaiades disparates. Bem sabeides que eu sempre passei por ser uma das donas mais bem vestidas da nossa corte. Nem mesmo a cronista mundana Baroneza Vera Lacustre alguma vez o negou!

ALDEGUDES

— Favores que ficaiades devendo à vossa real condição. Se fosse hoje. . .

D. BRIOLANJA

— Se fosse hoje! Bem me parece que hoje haverá no nosso antigo reino muitas saudades nossas! Quando me lembro das novas que chegaram pelas últimas naus e que relatavam que essas dinastias novas que proliferam no nosso antigo reino encheram as paredes de todos os palácios e muros dos burgos com verdadeiras blasfêmias!

ALDEGUDES

— Sinais dos tempos, mamã. Sinais dos tempos. . .

D. BRIOLANJA

— Pois alguns desses sinais mais pareciam de mau tempo! Não vos esqueçaiades daquilo que aquele mercador nos contou, que alguns desses sinais acusavam o vosso venerando pai de incomensuráveis crimes. . . imaginaide que até capitalista lhe chamaram!

ALDEGUDES

— Pobre papá! Se esses rebeldes soubessem quanto lhe custava ter que presidir a todos aqueles conselhos de administração! Esses rebeldes ainda lhe hão de fazer justiça um dia. Pela minha parte, eu bem o aliviei de muitas dessas aflições. Muitas vezes para lhe poupar trabalhos me dei ao trabalho de receber eu comissões e dividendos das suas fazendas. . .

D. BRIOLANJA

— E afinal não fosteis capaz de arranjar um amparo para a nossa velhice. . .

ALDEGUDES

— Tomara eu arranjar um para a minha! Por isso me vedes sair todas as noites para isso que chamais farras nocturnas. Eu bem sei quanto é difícil, mas sempre vou tentando a minha sorte.

D. BRIOLANJA

— E bem precisada estaiades minha estremosa filha. Bem sabeides que já não sois nova. . .

ALDEGUDES

— Mamã! Essas coisas não se dizem nem a brincar! Não serei propriamente uma adolescente, mas tenho ainda a minha juventude para viver. . .

D. BRIOLANJA

— Ai, ai!

EL-REI

— Ah estaiades aqui! Porque suspiraiades minha fiel esposa?

D. BRIOLANJA

— Recordava a minha juventude. . .

EL-REI

— Tendes boa memória! Cá por mim não sou capaz de me recordar de eventos de mais de cem anos. . .

D. BRIOLANJA

— Vede lá não vos caia nenhum dentinho com a graça. Mas dizeide-me: Porque haveiades vestido o vosso gibão novo? Acaso esperaiades visitas?

EL-REI

— Não, minha boa esposa. Mas é mistér que seja eu a fazer uma visita. . .

D. BRIOLANJA

— Uma visita? E nada me haveiades dito? Acaso pensaiades que ireiades só?

EL-REI

— Força é que assim seja. Tereides que ficar em casa esta noite. Importantes assuntos me aguardam. . .

D. BRIOLANJA

— Perdeide prestes essas peneiras! Bem sabeides que o que soides a mim o deveides. E bem sabeides que sempre vos acolheram melhor quando vós fazieides a vossa habitual entrada: Eu e minha mulher Gertrudes Briolanja. . .

EL-REI

— Pois desta vez não poderá ser assim. Bem vedes: alguém nesta casa tem que se sacrificar. E como senhora de alto discernimento que soides, tereides de compreender que é mistér que eu tente a minha sorte. Serei hoje recebido por uma poderosa dama destes reinos. . .

É bem certo que há sempre quem fique a ganhar com os barulhos. Quando há vidros partidos, por exemplo, ganham os fabricantes de vidro e os vidraceiros. O pior é quando ganham os cangalheiros e companhia. . . E, há sempre muitos "encobertos" neste negócio! . . .

Ao que parece, vale mesmo a pena. . . fugir, quando a pena possa não ser pequena! . . .

Felizes das crianças. . . Na sua inocência, até chegam a perguntar se há festa quando há barulho! . . .

Enquanto houver um capitalista no Mundo o trunfo serão oiros. Bem, às vezes, também são espadas! . . .

O homem põe e Deus dispõe. . . Mas, olhem que há homens que se dispõem a tudo — hoje por um lado, amanhã pelo outro. . . Homens levados do Diabo! . . .

— Bem, a malta muitas vezes também não sabe jogar e exagera. . . Depois, as pessoas assustam-se, mesmo as inocentes e confiantes, e gera-se o tal ambiente de desassossego. — dizia-nos há dias um nosso amigo.

Não acham que o nosso amigo talvez tenha certa razão? E não lhe chamem fascista que ele não é — garantimos.

Se o Zé vê tudo afinado e em calma, bem pode limpar o suor do rosto e dizer: — "Chica, nunca julguei ter que suar tanto, depois de uma revolução em beleza! . . . Não se pode dormir à sombra dos louros. . . nem das flores — é o que é.

Como os amargos de boca vieram logo a seguir ao aumento do açúcar, houve quem dissesse que: um amargo de boca núvem só! E se experimentassem a baixar o açúcar para o preço antigo? . . .

ARIM

cont. na pág. 14

# COMO CASAR UMA FILHA SEM PRETENDENTES

cimentos, mesmo aquela delambida dos olhos vestidos, uma careca, duas marrecas e três atrasadas mentais (uma delas preta no Totobola, é certo!) mas a pobre Etelevina continuava solteira e com noventa por cento de possibilidades de não casar.

Tudo fizera a desesperada mãe para realçar os

rapariga estava quase a fazer trinta anos e não se lhe conhecia namoros nem pretendentes! Bonita não era e talvez houvesse herdado o ar cadavérico que o pai adquirira numa vida de inteira

Na rua onde moravam, já haviam casado todas as raparigas dos seus conhe-

Há duas espécies de filhas muito semelhantes: aquelas que dão um grande desgosto aos pais por não casarem e as que o dão por não casarem. Das primeiras, dizem os contristes do Antelites: — Das segundas, lamentam-se eles: —

A Dona Engrácia, viúva conspícua e sócia da Agência Funerária que o marido fundara, andava de dia para dia mais descontrolada com a filha. As tias paternas da Etelevina, também solteiras e convencidas de que o celibato era pecha hereditária, telefonavam todos os meses, com um fio de voz irônica, a saber se a sobrinha já arranjava namorado e comentavam uma para a outra, ao desligar: — A Etelevina saiu ao nosso lado...

De facto, ninguém mordeia e isca. Nem Santo António escutava os apelos frementes, os pedidos angustiosos de dona Engrácia que, no seu desvario e confusão, já uma vez prometera um "Austin" ao milagreiro... Na varanda, murchavam num ápice as alcaçofras que, todos os anos, por imposição da mãe e debaixo da mofa das vizinhas, Etelevina colocava num vaso com uma expressão de derrotada antecipa.

— É a vergonha da minha cara! — rouquejava a viúva. O seu amor e compaixão pela filha aram atravessados por súbitos remanescentes de indignação rancor. Por causa do que tornara-se a troça do bairro onde sempre vivera de cabeça levantada e invejada pela prosperidade e solidez dos seus negócios; porque se os vivos faltam muitas vezes aos pagamentos, os mortos pagam

dotes da filha. Primeiro, propalara por todo o bairro que ofereceria um andar mobiliado, na Reboleira, como prenda de casamento ao género. Depois, perante a indiferença geral, reforçara a sua liberalidade com a promessa de um automóvel, títulos do Estado e seguros de vida...

— Então, dona Engrácia, quando é que a sua filha casou? Numa hora de maior desespero, deliberou consultar a última das vizinhas a quem desejaria dirigir a palavra, a dona Surota, também conhecida pela "madame", e decididas do bairro, já com três casamentos no passivo e sempre muito activa em matéria de amores. Aquela mulher era uma autoridade em sedução e manhas femininas — até diziam que embruxava os homens — e talvez lhe pudesse dar conselhos úteis.

— Há-de estranhar a minha visita — começou dona Engrácia, quando entrou na sala da outra, com o embaraço e a aflição estampados no rosto. — Mas trata-se da sorte da minha filha e da nossa honra! A bom entendedor... A "madame" sorriu compreensiva, quase bondosa, levantou-se e tirou um pequeno cartão de uma escrivaninha "Império". Dona Engrácia pasmava ante a rapidez da inteligência daquela mulher.

— Promete-me que guardará segredo? — perguntou a aventureira. — Oh! Sim! — exclamou doida de alegria a zelosa mãe, agarrando com ambas as mãos aquele precioso cartão onde adivinhava a receita de uma mézinha mágica, fulminantemente casamenteira.

Mas em vez do desejado filtro, o cartão continha a morada de uma sempre e são a gente mais honesta e cumpridora deste mundo.

— Então, dona Engrácia, quando é que a sua filha casou? Numa hora de maior desespero, deliberou consultar a última das vizinhas a quem desejaria dirigir a palavra, a dona Surota, também conhecida pela "madame", e decididas do bairro, já com três casamentos no passivo e sempre muito activa em matéria de amores. Aquela mulher era uma autoridade em sedução e manhas femininas — até diziam que embruxava os homens — e talvez lhe pudesse dar conselhos úteis.

parteira clandestina! Dona Engrácia sobouros sentiu nos sofás de cor fulva. Quando voltou a si, a "madame" aplicava-lhe compressas de gelo, na testa.

— Explico, então, por mimorizadamente, o assunto que a trouxe e o generoso auxílio que esperava. A outra tornou a sorrir, cheia de paciência e compreensão.

— Conheço a sua filha de vista — disse — e o mal dela é a falta de pimenta. Pimenta para a frente, minha senhora, que em certos restaurantes é o que fazem e os clientes tomam a carne de cavalo por vitela!

O espanto de dona Engrácia era inaudito! A que porta viera bater! Primeiro, aquela doida varrida indicava-lhe uma parteira. Agora, propunha-lhe que apimentasse a filha! Por tal caminho, ainda acabaria por sugerir que pusesse Etelevina em vinha de alhos!

Despediu-se urbanamente e com um certo receio da louca a quem recorreu. De regresso a casa, porém, compreendeu, repentinamente, o que a outra lhe queria dizer. Oh! Com certeza! A Etelevina era muito apática, desenhada, insossa, e havia que espertá-la.

— Sem delongas, iniciem naquela mesma noite a "Operação Pimenta", encurtando todas as saias da filha, cortando-lhe as mangas aos vestidos, arancando-lhes as costas, abrindo-lhes decotes de calafrios e rachas provo-

cantes. Depois, levou-a a todos os filmes da Lollobrigida, da Welch e a Bardot, arrastou-a para cinematemas onde se projectavam as mulheres factíveis de antanho, Pola Negri, Mae West, Jean Harlow...

— Vês, minha filha, assim é que tu devias ser... — Ai que a mãe não está boa e quer a minha desgraça — reagia a hirta Etelevina.

Para que a filha passasse mais nova, pintou dona Engrácia os cabelos de um loiro estridente e vestiu-se com tafulezes e garridices que contrastavam singularmente com o seu antigo e austero vestuário. Já não parecia a sócia de uma funerária mas a proprietária de uma companhia de Circo! Estava disposta a todos os sacrifícios por Etelevina e, de certa maneira, sentiu-se quase compensada, quando, uma tarde, na pastelaria do bairro, a filha lhe disse:

— Mãhã, aquele senhor sorriu-me... A viúva quase baqueou de alegria. Relanceou o estranho e, muito alto, rápida e direita ao objectivo, perguntou ao dono da pastelaria:

— Senhor Vilela, encaregam-se de "lunchs" de casamento?

— É uma das nossas especialidades, minha senhora. — O que é preciso é que seja coiza boa. O preçô — nesta altura, levantou outra vez a voz — não importa.

— Que vergonha! — murmurava Etelevina, muito páida.

Quando o estranho que mostrara os dentes à filha saiu, dona Engrácia rodou o senhor Vilela com perguntas a seu respeito. Quando apurou que era solteiro, a extremosa mãe exultou!

Nessa noite, quando as cunhadas lhe fizeram o costumeado telefonema de ironia mensal, embatucousas com a notícia de que Etelevina tinha um pretendente. Sim, um pretendente! Rapaz de boa figura, pertencente a uma das mais antigas famílias do Fogueiteiro e muito bem desemparado de uma firma americana o que significava que, em qualquer ocasião, podia obter um bom lugar.

Tão entusiasmada andava com aquele breve sorriso dirigido à filha que, no dia seguinte, eritabou conversa com o estranho, de novo presente na pastelaria.

— Vossa Excelência, mora no bairro? Nunca o tinha visto por cá!

— Moro aqui há um ano.

— Solteiro?

— Sim, solteiro. — Que grande coincidência! A minha filha também é solteira!

— Sua filha! Parecem irmãs!

Foi com estes denegues e circumlocuções que dona Engrácia casou pela segunda vez, nunca mais tornando a pensar no casamento da Etelevina...

POR EZEQUIEL



# O MEU ESPADA NOVO

Esta semana eu tinha já combinado com o meu chefe que não fazia entrevista nenhuma. Porque vocês compreendem: a gente promete entrevistar o porteiro dum teatro e o chefe fica logo à espera que a gente traga uma entrevista com o empresário ou com a vedeta de plumas.

E da outra vez em que eu lhe disse que ia ver se entrevistava um simpatizante do P.C. o meu chefe, que é bruto como uma porta, mandou logo dizer para a tipografia que deixasse espaço na primeira página porque vinha aí uma entrevista com o Sr. Cunha. E depois como não veio ainda por cima se viu contra mim a dizer que eu era um reaccionário que não tinha querido fazer a entrevista e ele sabia muito bem porquê.

E nem sei porquê, se calhar porque estava a magiar nisto, fui dar comigo numa rua perto do Chile. E só dei por isso quando ouvi um gajo numa loja a chamar por mim:

## O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

cont. da pág. 10

carregar com todas as urnas que ainda estão na barraca ao lado da minha, até porque me parece que o coveiro já anda desconfiado com as urnas que aparecem em covais que não são delas e ele tem que ir abrir outros covais para as arrumar.

Mas talvez ainda me resolva uma noite destas. Porque estas barraquinhas em mármore com portão de ferro e tudo são mais do que o suficiente para uma pessoa viver. E lá o facto de estarem dentro dum cemitério não tem importância nenhuma até porque eu não acredito em fantasmas. Se vocês quiserem uma, digam, que eu falo com o coveiro que é meu amigo.

PÁG. 14

— Tobias! Ó Tobias! É pá! Anda cá, Tobias!

Eu estava de facto a reconhecer aquela voz. E não me tinha enganado. Era o Fulgêncio, aquele que tinha andado na tropa comigo e que eu nunca mais tinha visto desde que ele se tinha ido matricular em Belas Artes, há um rôr de anos.

— É pá! O que é que tens feito?

Lá lhe disse que era jornalista. Lá, pelos vistos estava numa casa de automóveis, porque era donde me tinha chamado. À cautela perguntei-lhe:

— Mas olha lá, e tu o que fazes? Isto é teu, és freguês ou sócio?

— Não pá, isso é que era bom! Sou um simples vendedor. . .

— Então as Belas Artes? — Bom, também não digas mal disto. Fica a saber que vender também é uma bela arte. . .

— E tu dás-te bem? Ganhas muita pasta?

— Bom, antigamente era melhor. Agora isto de vender carros. . . é uma sorte. É aparecer um pato com dinheiro. . . olha lá, tu não precisas de comprar nenhum carro?

— Nem penses nisso, pá! Eu tenho lá dinheiro para essas coisas. . .

— É pá, mas não é preciso dinheiro! Os carros agora é que estão baratos! Olha este: ainda há um mês custava mais de duzentos contos. . .

— O quê? Este chaveco velho?

— Bom, este não. Um da mesma marca, deste ano. Este realmente já não é lá muito novo. . .

— Pois não. Parece que veio da guerra da Crimeia. . .

— Não sejas exagerado. Este carro ainda é dos bons. Dos que tinham a chapa grossa. Olha já está quase vendido. . .

— Só se for para uma agên-

cia funerária. . .

— Como é que adivinhas-te? Ele até já fez um serviço lá, numa aflição. Mas eles querem que eu lhe dê uma pintura nova. . .

— E tu dás?

— Tá visto que dou. É mais barato do que tapan a ferrugem com chaparia nova. Mas para ti faço um preço especial.

— Nem penses nisso! Um carro desses só com um autotanque de gasolina atrás. . .

— Quall! Isto aqui onde vês não gasta mais de sete litros. . .

— O quê? Sete litros aos cem?

— Não pá! Sete litros ao cilindro! E como tem seis cilindros. . . mas se tu quiseres eu posso pô-lo a trabalhar só

com três cilindros e já fica a gastar menos. . .

— Deixa-te disso, pá. Eu ando bem de autocarro. E depois um carro desse tamanho deve pagar uma fortuna de selo. . .

— Lá estás tu enganado outra vez! Como sabes, os selos têm 50 por cento de desconto aos 5 anos, e 75 por cento aos 10 anos. . .

— E esse?

— Bom, este acho que até já tem um subsídio especial por ter atingido o limite de idade. Já vês. . .

— Está bem, mas é pá: tu sabes que um jornalista não ganha um ordenado por aí além: como é que tu queres que eu compre um carro?

— A pristas. É como toda a gente compra. . .

— Mas não é preciso uma entrada?

— Bom, lá isso é. Mas a gente cá arranja as coisas. Olha eu digo que a entrada foi um carro que tu trouxeste e que já se vendeu. E depois pagas por este quinhentos paus por mês. Está feito?

— Espera aí! Quinhentos paus por mês. . . durante quantos meses?

— Eu sei lá? Deixa-te de fitas, pá. Compra o carrinho que estás bom. Dá cá os quinhentos paus!

E aqui está como eu fiquei sem quinhentos paus, mas com uma espada bestial de ganha um ordenado por aí 1930 que faz a inveja dos meus colegas parado à porta do jornal, porque não conseguia ainda que ele saísse dali. . .

## TENTAR A SORTE

cont. da pág. 11

D. BRIOLANJA

— Ides visitar uma dama a estas horas? Acaso intenteis prostituir-vos e manchar a minha frente de ignominia? Oh que desgraçada sou!

EL-REI

— Tende paciência, minha fiel esposa. Como já vos disse, é mistér que eu tente a minha sorte. Dormide bem!

ALDEGUNDAS

— Que Deus vos guarde mamã!

D. BRIOLANJA

— Oh ceus, oh terra! Oh ignominia das ignominias! Vejo sair para os caminhos da perdição a minha virginal filha, e o meu venerando marido! Um e outro vão sacrificar as suas honras para poderem prover aos mortos desta casa. . . Oh cruel dielma para uma dona! Deverei eu ficar insensível a tais sacrifícios? Não, não, não, mil vezes não! Aia! Vinde prestes ao meu chamado! Aia! Estaiades surda? Correide prestes!

AIA

— Credo, senhora minha! Que aflição tendes? Acaso tendes maleitas?

D. BRIOLANJA

— Trazeide-me prestes o meu traje de brocado. Aquele que é bordado a ponto pé-de-flor!

AIA

— A estas horas? Perdoaide a impertinência, mas. . . adonde ides assim apertalada?

D. BRIOLANJA

— Minha boa aia, tendes na vossa frente uma dona desesperada e pronta para o sacrifício final!

AIA

— Ai Jesus que até se me enrolam as tripas! Acaso os infieis se aprestam para vos capturar?

D. BRIOLANJA

— Não, minha boa serva. Mas despachaide-vos com o vestido. Também eu quero ir tentar a minha sorte. . .

# TRISTEZAS E ESPERANÇAS

Pois eu estou muito preocupado com o futuro do nosso país. Não é que eu seja homem de pouca fé, mas a verdade é que estou a ver que os grandes, os bons, os que têm realmente valor, estão a ir-se embora, e mesmo muitos dos valores estrangeiros que cá tínhamos e que tanto nos tinham custado, também se vão embora.

É uma tristeza! Como é que nós vamos ficar? Digam lá! Como vai ser? Como é que o país pode ficar assim de repente privado de tantos valores que podem considerar-se verdadeiramente insubstituíveis? Francamente, eu não queria ficar desencorajado: mas estou a ver que assim nunca mais saímos da cepa torta! Então vocês já viram? Isto havia de ser proibido! Imaginem: só do Benfica vão logo cinco e dos melho-

res: Humberto Coelho, Simões, Eusébio, José Henriques e Néné!

Isto para não falar do Sporting, que vai ficar sem o Damas, e o Yazalde. E para não falar do Vitória de Setúbal, que fica sem o Jacinto João, o Octávio e o José Maria. E também da Cuf, que vê partir o Victor.

É uma tristeza! E depois digam lá se eu não tenho razão para estar preocupado com o futuro.

E depois não é só isso: vejam vocês a tristeza que não é, vemos todos aqueles briosos brazucas que fizeram a glória do Olhanense na época passada, mantendo um verdadeiro baluarte do clássico futebol caipira entre nós, e que conseguiram alcançar num rasgo de heroísmo o dedicado clube algarvio no primeiro lugar da segunda divisão, por-

que também era exagero querer-se mais), vemos todos esses briosos brazucas regressarem ao país da Ordem e Progresso, depois de terem posto em ordem o deficit do Olhanense e o tornarem extraordinariamente progressivo (ao deficit)!

Mas enfim: Que se há-de fazer? Consolemos ao menos por saber

que ainda cá ficam esses inclitos e dedicados servidores do povo como Cubillas, Flávio, Marco Aurélio, Paulo Rocha, Wagner, Duda, Gonzalez, Jeremias e Pedrinho, isto para não falar do mestre Stanwick. Ao menos assim não se perde tudo, e ainda ficamos com uma ténue esperança de que se salve a grande força im-

pulsionadora da nossa gente com vista a altamente rentáveis investimentos de capital altamente produtivo. Ponto final. E em Post Scriptum: Porque além disso produz também louváveis sentimentos de investimentos venatórios como se verificou em Guimarães com o senhor Garri-do...



## OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO  
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUES

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

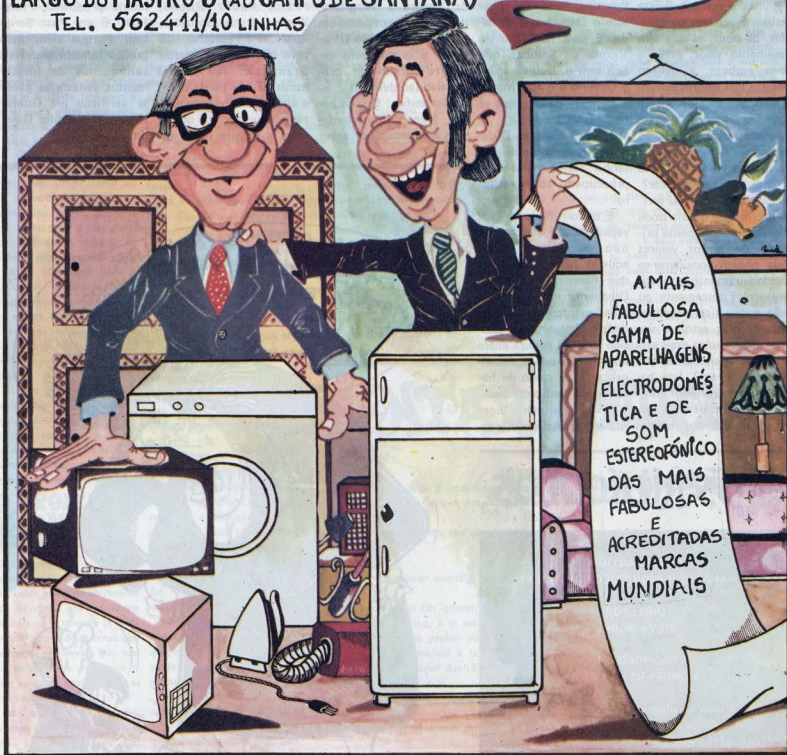
Redacção, administração e composição  
R. Conde Redondo n.º 12.º LISBOA  
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do  
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR  
REGIMPrensa  
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12  
REBOLEIRA - LISBOA

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)  
TEL. 562411/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"